

## No I Centenário de Emiliano da Costa Converter em Casa-Museu a residência do Poeta

José Carlos Vilhena Mesquita

Comemora-se no presente ano o I Centenário do poeta taviense Emiliano da Costa, considerado como um dos líricos mais brilhantes da literatura algarvia, criador de um estilismo colorido e expressivo, raramente atingido e dificilmente imitado nos tempos que correm.



Emiliano da Costa, gravura de Manuel Cabanas

Augusto Emiliano da Costa, nasceu na cidade do Gilão, Tavira, a 3-12-1884 e depois de ter passado pelo Liceu de Beja formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra, em 1914. Regressado a Faro, foi provido pela Câmara no partido médico de Estoi, do qual se reformaria em 1954, tendo aí constituído família e permanecido até à morte.

Era um homem de fina sensibilidade, muito culto e dotado de um apurado espírito de observação. Desenhava lindamente, amava a música, apreciava a natureza, e no remanso campestre procurava o seu refúgio. Detestava os compadrios políticos e as manifestações beáticas de campanário, respeitava as tradições e divertia-se a reinar com a inocência do povo, sem nunca cair na ridicularização ofensiva. Criou na gente do campo uma cumplicidade fraterna, que ainda hoje é lembrada.

A poesia de Emiliano da Costa, florescentemente algarvia, traduz a exuberância da cor, a magnificência da luz

e o fragor da vida. Num céu infinitamente azul, o sol fecundante derrama-se sobre os campos do barrocal algarvio como um afago divino, enquanto lá em baixo, no litoral, a mansidão do mar atrai as redes do pescador para uma abundante colheita de prata cintilante. Porém, na boca do serro de Estoi, a vida é mais feliz e agitada, porque o corridinho das moçoilas ecoa estridente e crepitante em torno da roda-viva de um «baile mandado». É isto que ressuma da poesia de Emiliano da Costa, uma vivificante simbiose de cor e de luz, de trabalho e ruralidade, um quadro de folclore na sua mais forte e real expressão etnográfica. Poucos serão os poetas que na nossa língua terão sabido cantar com tamanho realismo a tristeza e a dor, a alegria e a jovialidade de um povo que acima de tudo – e com que sacrifícios – aprendeu a amar a vida. Ora, é precisamente este neonaturalismo poético, sem submeter subterfúgios políticos – característica rara entre os nossos poetas – a faceta mais admirável da obra de Emiliano da Costa.

Venham ver! Venham ver!  
 Nestes caminhos chove oiro, chove azul: a terra abrolha!...  
 Para quem ouve, tantos borborinhos!  
 E que deslumbramento p'ra quem olha!  
 Azul, onde mergulham passarinhos,  
 tão azul! que o olhar se lustra e molha, o sol se banha,  
 e as nuvens abrem lindos panejamentos brancos de Sorolla.  
 Tudo inefável, húmido a escorrer...  
 Dá-se beijos no ar, beijos nos filhos, e os olhos estão líquidos de ver...  
 Senhor! da lama vil das estrumeiras, até os vermes feitos amentilhos,  
 vieram pendurar-se às aveleiras!

Não se pense, todavia, que a sua poesia é apenas o reflexo duma visão sentida da realidade, pois que também se plasma nos etéreos domínios da metafísica, em conceitos estético-filosóficos que fazem mergulhar a palavra nas profundezas do espírito.

Saudade – luar!  
 Luar – saudade – angústia,  
 Tu és a flor que ao peito me puseram,  
 Que vem de alto, de Além...  
 – A flor que muito custa  
 A quem a tem...



O Dr. José Neves, professor do Liceu de Faro, e o poeta Emiliano da Costa na estalagem de S. Brás de Alportel.

Os seus versos, verdadeiros hinos à Natureza, são por vezes de um saudosismo inebriante. Espelham o tempo que passa e as recordações que no coração se guardam, mas que no rosto as lágrimas revelam. É a arte num poeta-total, apaixonado pelas coisas simples da vida e resignado ao eremitério da sua aldeia. Se erros cometeu na vida, o principal foi esse... exilou-se numa aldeia perdida do mundo, a escutar o murmúrio das fontes e o noivar dos pássaros, a inalar o perfume das flores e dos frutos, a distinguir os nomes das plantas e das árvores, que passaram a ser-lhe tão familiares que as cantou nos seus poemas até ao mais ínfimo pormenor.

Emiliano da Costa isolou-se das tertúlias macrocefalistas que fabricam os génios, e com isso criou anticorpos em relação às Academias que imortalizam os criadores da beleza... e por isso morreu esquecido na estagnação anestésica do Reino do Sol.

## A Obra Poética

O surgimento público da sua obra poética suponho que ocorreu pela primeira vez em 7-1-1906, num órgão do Liceu de Faro intitulado «O Académico», no qual publicou três composições datadas de Coimbra, já então claramente impregnadas daquela sensibilidade estética que tão brilhantemente caracterizava a sua poesia. Esses órgãos académicos, geralmente periódicos

de efêmera existência que despontavam nos Liceus de todo o país, foram verdadeiros alfobres de grandes talentos emergentes. Basta dizer que a maioria dos nossos escritores do século XX passou por essas colunas, de forma incólume, incógnita e quase despercebida. É por isso que a consulta, hoje, desses jornais revela-se quase sempre fecunda e surpreendente.



No aniversário de Emiliano da Costa, em Dezembro de 1954, em Faro. À esquerda vê-se o Dr. Arnaldo Vilhena, o poeta, o Dr. Joaquim Magalhães e o Dr. José Neves no uso da palavra.

No total, a sua obra decompõe-se em catorze volumes, dos quais daremos apenas os títulos e as datas de edição:

*Heliantos* (1926),  
*Phlogistos* (1931),  
*Rosairinha* (1940),  
*Relâmpagos* (1943), *As Saudades do Silêncio* (1947), *Cromo-Sinfonias* (1948), *Pampilhos* (1949), *Concerto ao Ar Livre* (1950), *Cânticos e Toadas* (1952), *Apontamentos* (1954), *Poesias*

*Escolhidas* (1956), *Asas* (1957), *Pinturescas* (1959), *Intimidade* (1961).

Para além destas obras vieram posteriormente a público nos jornais algarvios, com especial destaque para o «Correio do Sul», numerosas composições, que, juntamente com outras dadas a lume em folhetos, folhas soltas e cartões, especialmente concebidos para agradecer homenagens e assinalar acontecimentos que lhes foram gratos ao espírito, mereciam ser recolhidas num volume que dignamente perpetuasse este centenário. Inclusivamente, tomamos a liberdade de sugerir à delegação do Ministério da Cultura, à Universidade do Algarve, à Comissão Regional de Turismo e à Comissão de Coordenação do Algarve, que em conjunto financiem a edição de um opúsculo que contenha a biobibliografia de Emiliano da Costa, assim como uma breve antologia poética, cuja distribuição se deveria fazer gratuitamente pelas escolas e outras instituições ligadas ao ensino e à cultura. Deste modo se levaria até às camadas mais jovens o conhecimento da sua obra e, por consequência, da sua personalidade literária, injustamente esquecida entre os seus comprovincianos.

## Casa-Museu

Muito embora não esqueçamos as homenagens de que foi alvo, em 1956, nas cidades de Tavira e de Faro, através do descerramento de uma lápide na casa onde nasceu e da inauguração das ruas que têm o seu nome naquelas localidades, da dramatização da sua peça «*Rosairinha*» - quanto a mim a obra-prima do teatro algarvio -, das folhas soltas que lhe dedicaram Vítor Castela, Sebastião Leiria, Alberto Marques da Silva e Mário Lyster Franco, dos estudos que sobre a sua obra versaram Joaquim Magalhães, Hernâni de Lencastre, José Neves Júnior, Elviro da Rocha Gomes e Clementino de Brito Pinto, temos a obrigação de lembrar aos representantes do poder local a necessidade de se

considerar a sua casa de Estoi como imóvel de interesse camarário e concomitantemente de se inventariar o seu importante espólio artístico.



Os intelectuais de Faro: em baixo - Cândido Guerreiro, Emiliano da Costa, Arnaldo Vilhena e Joaquim de Magalhães; em cima - José Pedro da Silva, Júlio Almeida Carrapato, Manuel Pinto, Gaspar da Costa, Sousa Cachopa, Othman da Franca, Brito da Mana, Jaime Pires e Marques da Silva.

Nesse contexto assume especial interesse a pinacoteca reunida ao logo dos anos pelo poeta, antigo aluno de Belas-Artes e muito dado à criação artística. Para além dos retratos a lápis de poetas algarvios e das aguarelas bucólicas, com que Emiliano da Costa preenchia as horas de lazer, merecem especial referência

os quadros a óleo assinados por Carlos Porfírio, Jaime Murteira, Falcão Trigoso, Jorge Valadas, Max Tams, Celestino Alves, Gullander, G. Pimenta, A. Santa Clara e Flávio Costa (irmão do poeta), desenhos de Lyster Franco, Roberto Nobre, Américo Marinho, Raul Lino e Bernardo Marques, caricaturas de Tosssan e José Dias Sancho, xilogravuras de Sérgio Madeira e Manuel Cabanas, sem esquecer um interessante busto do escultor Sidónio de Almeida. Todo este recheio artístico, juntamente com a casa, foi, ainda em vida legado pelo poeta à sua governanta, D. Maria Edília Rosa Perna, que mantém precisamente intacta aquela que foi, durante meio século, a residência de um dos maiores vates da cultura algarvia.

A sua conversão em casa-museu seria justamente a melhor e mais digna homenagem que se lhe poderia prestar neste centenário.

Augusto Emiliano da Costa, ao cabo de nove anos de paralisia, devido a um acidente vascular cerebral, faleceu nesta casa no dia 1 de Janeiro de 1968. Tinha 83 anos, estava viúvo e cansado de tanto sofrer, por isso aguardava com serenidade o fim de toda uma vida devotada aos valores da arte.

José Carlos Vilhena Mesquita (in «D.N.», de 17-4-1986)